

## ISADORA, VENTOS E VAGAS

Helena Katz

A partir de amanhã e até o dia 20, um espetáculo para homenagear a mulher que mudou a dança ocidental.

Isadora Duncan, uma das pioneiras da dança moderna, nasceu a 17 de maio, não se sabe ao certo se de 1877 ou de 1878. Nos Estados Unidos, seus admiradores decidiram abandonar as disputas pela precisão da data e fecharam acordo em torno de 1877, embora a maioria dos livros continue citando 1878. Lá, portanto, festejou-se no ano passado o centenário de seu nascimento. Criou-se, inclusive, um “Comitê Para o Centenário de Isadora Duncan”, com o objetivo de divulgar, através de espetáculos, seu espírito renovador.

Em São Paulo, porém será comemorada este ano, com a apresentação de “Isadora, Ventos e Vagas”, que estreia amanhã às 21 horas, no Teatro Cultural Artística (Rua Nestor Pestana 196) tendo direção e produção de Mauricie Vaneau, concepção e coreografia de Célia Gouveia, e figurinos de Ninette Van Vuchlen. No elenco, além da própria Célia, que dança apenas um quadro (“Gravidez”), estão: Juliana Carneiro da Cunha, Tuth Rachou, Calu Ramos, Júlia Ziviani, Zina Filler, Ana Michaela, Mara Borba e Marília de Andrade, com suas três filhas: Mariana, Cristiana e Daniela, de 4, 7 e 9 anos.

Para Célia Gouveia, uma ex-aluna de filosofia da Universidade de São Paulo, que descobriu um apelo mais forte na pesquisa do movimento corporal do que no seu curso universitário, a data não poderia passar despercebida aqui no Brasil.

— Conseguimos reunir um elenco muito bom, de profissionais independentes, não filiados a qualquer companhia de balé, gente que eu já conhecia de trabalhos anteriores. Pessoas que, além de técnica, tivessem a cabeça aberta para investigar e experimentar. Com a Juliana, por exemplo, passei quatro anos na Europa. Fizemos o Mudra e o Chandra juntas.

Mudra é o centro internacional criado por Béjart, em Bruxelas, com o intuito de reunir profissionais de todas as partes do mundo que desejassem estudar linguagens do movimento. Juliana e Célia passaram três anos lá, saindo para criar um grupo próprio, o Chandra, onde desenvolveram experiências com teatro e dança. Mudra, em sânscrito, significa gesto, e Chandra, meia-lua.

— Isadora foi completamente revolucionária, tanto como bailarina quanto como mulher. Ela no início do século reivindicava o direito da mulher de ter filhos fora do casamento! E acredito que o fato de eu estar grávida, atualmente, me aproximou muito de sua concepção de dança natural.

\* In: **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. 27, 10 nov. 1978. Folha Ilustrada

Depois de algumas aulas de balé, que considerou intoleráveis, Isadora Duncan começou a estruturar uma filosofia própria a respeito de dança. Descobriu seu ideal nas esculturas gregas do British Museum: a beleza da simplicidade, o movimento ondulado refletindo os ritmos da natureza e a capacidade de exprimir todas as emoções. E este clima de Célia Gouveia tentou recriar em “Isadora, Ventos e Vagas”.

– Cada ser humano é único. Por isso, optamos por buscar o espírito de entrega e paixão presente em Isadora. Ela levantava um braço e comovia multidões. Como poderia pedir a qualquer outra pessoa que reproduzisse isso?

Para Célia, o espetáculo também traz uma colocação política, na medida em que divulga o conceito de que todos devem conhecer melhor seu próprio corpo, não no sentido de agitar, se mexer, como nas discotecas, mas buscando um contato sério consigo. Visando uma descoberta.

Nosso espetáculo apresenta corpos e idades completamente diferentes. Não acredito neste padrão de medidas ideais para o bailarino, nem no lugar comum de que aos 40 anos devem-se pendurar as sapatilhas. É por isso que danço grávida, sou contra a reclusão da bailarina grávida. A padronização de apenas um conceito estético oficial empobrece. E foi Isadora quem abriu as portas para que pudéssemos seguir por este caminho.

E, embora o elenco seja essencialmente feminino, não se poderia dispensar a presença do elemento masculino, tão importante na vida de Isadora. Ele foi incluído no espetáculo através da caminhada de um violinista, atravessando lentamente o palco.

Isadora esteve aqui em 1916, e Oswald de Andrade entrevistou-a. Hoje, a filha do escritor, Marília, dança num espetáculo em homenagem àquela que chamou a atenção para uma nova atitude dentro da dança, onde, além do domínio técnico da forma, os bailarinos se preocupassem em transmitir uma força interior, utilizando uma linguagem mais pessoal. Um momento muito especial dentro da história da dança que, graças a montagem de Célia Gouveia e Maurice Vaneau, todos poderemos conhecer.